



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**IMPACTOS PSICOLÓGICOS E SOCIAIS DA DIVULGAÇÃO DE IMAGENS
ÍNTIMAS NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS**

(PSYCHOLOGICAL AND SOCIAL IMPACTS OF THE DIVULGATION OF INTIMATE IMAGES
IN ADOLESCENCE: A MULTIPLE CASE STUDY)

Giovanna Maria Duarte

Orientador: Prof. Dr. Alex Sandro Gomes Pessoa

São Carlos - SP

Abril de 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**IMPACTOS PSICOLÓGICOS E SOCIAIS DA DIVULGAÇÃO DE IMAGENS
ÍNTIMAS NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS**

(PSYCHOLOGICAL AND SOCIAL IMPACTS OF THE DIVULGATION OF INTIMATE IMAGES
IN ADOLESCENCE: A MULTIPLE CASE STUDY)

Giovanna Maria Duarte

Relatório Científico Integral referente às atividades realizadas no período de vigência da bolsa concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob orientação do Prof. Dr. Alex Sandro Gomes Pessoa.

São Carlos - SP

Abril de 2022

SUMÁRIO

RESUMO	4
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	5
2. OBJETIVO GERAL	10
2.1 Objetivos Específicos	10
3. METODOLOGIA	10
3.1: Córpus de Análise e Procedimentos	11
3.2 Análise de dados	14
4. Resultados e Discussão	14
4.1 Contexto da Exposição	16
4.2 Ausência de apoio e impactos psicossociais às vítimas	21
4.3 Fatores de proteção e mobilização de estratégias de enfrentamento	28
4.4 Resiliência e Protagonismo	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

RESUMO

O *sexting* é definido como uma prática que inclui a postagem, compartilhamento ou envio de mensagens ou imagens com teor sexual. Pode abranger a produção e compartilhamento de vídeos e fotos de si mesmos ou de outros em situação de nudez e/ou atos sexuais. Para além dos discursos moralistas, entende-se que a prática do *sexting* na adolescência pode estar associada à iniciação da vida sexual. Além disso, pode se constituir como uma forma de explorar as possibilidades e a liberdade sexual, iniciar relacionamentos, fortalecer vínculos de intimidade ou se relacionar sexualmente. Por outro lado, tal prática pode se constituir como um potente fator de risco para os sujeitos que o praticam, sobretudo devido à possibilidade de ocorrer a divulgação desautorizada de imagens íntimas. Partindo dessas observações, o objetivo desse projeto é analisar as motivações para a prática do *sexting* e os impactos, sociais e psicológicos, da divulgação de imagens íntimas divulgadas sem o consentimento de adolescentes do gênero feminino. A pesquisa é de natureza qualitativa, em período transversal, realizada a partir de um estudo de casos múltiplos. Os relatos foram obtidos através de vídeos, na plataforma YouTube, de adolescentes que, de forma voluntária, relataram suas experiências acerca do vazamento de conteúdos íntimos. Desse modo, foram analisados vídeos publicados deliberadamente por oito adolescentes que foram ameaçadas ou efetivamente vítimas da divulgação desconsentida de imagens íntimas. A análise dos relatos encontrados foi feita por intermédio da Análise de Conteúdo. Foram elaboradas quatro diferentes categorias que se alinham aos objetivos da pesquisa: (1) Contexto da exposição; (2) Ausência de apoio e impactos psicossociais às vítimas; (3) Fatores de proteção e mobilização de estratégias de enfrentamento; (4) Resiliência e Protagonismo Juvenil. Os principais achados destacaram, portanto, como ocorreu o vazamento das imagens íntimas das adolescentes e os fatores de risco que intensificaram a vulnerabilidade delas após a divulgação desconsentida. Além disso, a pesquisa identificou pessoas e instituições que constituíram a rede de apoio afetiva-social das vítimas, auxiliando-as na superação dos eventos adversos decorrentes da exposição. Complementarmente, a última categoria analisou como a atitude das adolescentes, de postarem voluntariamente os seus vídeos em uma plataforma de amplo acesso, pode estar associada com processos de resiliência e de protagonismo juvenil, na medida em que essa ação foi motivada visando que outras adolescentes não passassem por experiências similares. Os resultados obtidos trouxeram informações importantes e ainda pouco exploradas sobre a motivação do *sexting* e as consequências sociais e psicológicas que o vazamento de imagens íntimas ocasionou na vida das vítimas. Contribuiu, ainda, para o entendimento de fatores de risco e proteção que as vítimas dispõem e abriu margem para a elaboração de novas perguntas de pesquisa.

Palavras-Chave: *Sexting; Adolescência; Consequências; Fatores de Risco; Fatores de Proteção.*

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A sexualidade é a expressão de um comportamento inerente ao processo desenvolvimental e engloba aspectos de cunho biológico, psicológico e social. As práticas sexuais, por sua vez, usualmente se iniciam na adolescência (BOCK, 2017). Entretanto, tem sido há muito tempo negligenciada nos diálogos públicos e tomada como um tema tabu, o que reforça desinformações e coloca em situação de vulnerabilidade indivíduos dessa faixa etária (MARTINS et al., 2012). A compreensão das práticas sexuais e da sexualidade não podem ser desvinculadas do contexto em que o indivíduo está inserido, pois inúmeras influências (como a mídia e a religião) produzem diferentes significados e moldam as práticas compartilhadas socialmente (MAROLA; SANCHES; CARDOSO, 2011).

Constata-se que, atualmente, grande parte dos adolescentes se encontram imersos em atividades circunscritas ao uso de telefones celulares, computadores, redes sociais e aplicativos de mensagens. Concomitantemente, parte dos relacionamentos e práticas sexuais são mediadas pela tecnologia (BODEN, 2017). Nesse contexto, identifica-se o fenômeno do *sexting*, definido como a postagem, compartilhamento ou envio de mensagens ou imagens com teor sexual. Tal prática pode abranger a produção e compartilhamento de vídeos e fotos de si mesmos ou de outros em situação de nudez e/ou atos sexuais. O *sexting*, portanto, emerge como uma nova forma de se relacionar sexualmente, sendo que são praticamente inexistentes estudos publicados na língua portuguesa sobre essa temática (MCEACHERN, 2012; FIGUEIREDO; MELO, 2014). Ao mesmo tempo em que o *sexting* se configura como uma expressão genuína da sexualidade (KLETTKE, HALLFOR, MELLOR, 2014), também pode, em alguns casos, se constituir como um potente fator de risco

para os sujeitos que o praticam, sobretudo devido à possibilidade de ocorrer a divulgação desautorizada de imagens íntimas (MANOEL, 2018).

Para além dos discursos moralistas, entende-se que a prática do *sexting* na adolescência pode estar associada à iniciação da vida sexual. Além disso, pode se constituir como uma forma de explorar as possibilidades e a liberdade sexual, iniciar relacionamentos, fortalecer vínculos de intimidade ou se relacionar sexualmente. A intermediação promovida pela tecnologia permite que o indivíduo que envia ou recebe fotos ou mensagens explore a própria sexualidade de inúmeras formas, não sendo, por si só, uma prática problemática, mas sim uma expressão da sexualidade e uma prática sexual como qualquer outra (KAUR, 2014; KLETTKE, HALLFOR, MELLOR, 2014).

De acordo com estudos norte-americanos, estima-se que 1 a cada 5 adolescentes de 13 a 19 anos dos EUA já receberam ou enviaram imagens de nudez ou seminudez (KAUR, 2014). Enquanto isso, no Brasil, um estudo nacional feito pela SaferNet (2015) demonstrou que cerca de 20% dos 2834 participantes do referido estudo, já receberam mensagens de cunho sexual, com ou sem nudez, e que 6% dos mesmos haviam encaminhado essas mensagens para outras pessoas.

Ainda que muitos estudos considerem a prática do *sexting* como saudável e benéfica, e que, quando consentida, se mostra como uma forma saudável de exploração da sexualidade ligada a relacionamentos afetivos-sexuais, ela não é isenta de perigos. Sendo assim, torna-se necessário, nos espaços acadêmicos, discutir o tema sem recorrer a retóricas moralistas ou conservadoras. Assim, o encaminhamento de mensagens de cunho sexual e imagens de nudez pode ser prejudicial, quando esta é feita sem a autorização da pessoa que aparece nas imagens, violando a privacidade e

intimidade desses indivíduos (HASINOFF, 2017). Tal violação pode impactar a saúde e vida do sujeito exposto em diversas áreas, como ocorre, por exemplo, na vitimização por *cyberbullying* – prática de agressão intencional e repetida, utilizando vias eletrônicas (MORENO, 2014) -, sentimentos de humilhação, julgamentos morais, desqualificação, assédio, intimidação, que podem levar até mesmo a pensamentos e tentativas de suicídio (MANOEL, 2018; OUYTSEL, 2015).

Nesse sentido, não se pode ignorar a influência de marcadores de gênero, uma vez que mulheres são as maiores vítimas do vazamento de imagens íntimas, e também são as que sofrem maiores represálias e punições (MORELLI et al., 2015). Cabe ressaltar, ainda, que literatura internacional tem demonstrado que homens não só sofrem menos vitimização, como podem ser elogiados e exaltados pelas fotos, como aclamação e afirmação de sua masculinidade (GÓES, 2017). Estes estudos também alertam que para mulheres também é encontrada maior ocorrência da prática da produção de imagens íntimas contra a vontade, especialmente por meio da coerção, chantagem ou pressão dos pares para o envio de mensagens e/ou imagens (KAUR, 2014).

Expressões como *Revenge Porn* e *Slut-Shaming* são termos encontrados na língua inglesa que demonstram as facetas que esta violência, por meio da divulgação de imagens íntimas, podem assumir – mais uma vez, sendo as mulheres as maiores vítimas. A primeira expressão pode ser traduzida como “pornografia da vingança” e diz respeito ao compartilhamento/divulgação de fotos e/ou vídeos de cunho sexual *online*, sem consentimento da vítima, com a finalidade de se vingar de um ex-parceiro por meio da exposição e humilhação deste por conta do término do relacionamento

(ANDRADE, 2015). Já o *Slut-Shaming* diz respeito à vitimização de mulheres, com insultos e ofensas de cunho sexual, por conta das vivências sexuais experienciadas, tidas como promíscuas, com o propósito de insultar ou degradar sua imagem (HASINOFF, 2017).

Dessa forma, mulheres que têm suas imagens íntimas divulgadas inadequadamente podem experimentar ameaças, reprovação familiar, isolamento social, assédio, ridicularização, depressão, entre outras repercussões negativas, levando até mesmo ao suicídio ou à necessidade de mudança de ambiente para escapar de agressões físicas e psicológicas. No modelo de sociedade machista e patriarcal, as vítimas passam a ser ofendidas e objetificadas, além de culpabilizadas pelo vazamento das imagens íntimas (GÓES, 2017). Para adolescentes do gênero feminino, as consequências são as mesmas, mas se estendem também ao ambiente escolar, como evasão e diminuição do desempenho acadêmico (MCEACHERN, 2012).

No Brasil, a vida sexual, de adolescentes e adultos, é garantida como direito a todos, reconhecida e protegida pela lei, incluindo para jovens e adolescentes. É assegurado a todos os indivíduos a possibilidade de realizar planejamento familiar, ter acesso a métodos contraceptivos, prevenção de DSTs, e educação sexual, além de práticas sexuais e reprodutivas saudáveis, livre de violência, discriminação ou coerção (BRASIL, 1996).

A lei nacional Carolina Dieckmann, que recebeu este nome por conta do vazamento de imagens íntimas de uma atriz, criminaliza o furto de informações digitais, mas não regulamenta explicitamente a divulgação de imagens de nudez ou sexo desautorizadas pelo sujeito retratado. Assim sendo, em casos onde não há o furto de informações digitais, como quando a vítima envia imagens íntimas para alguém de forma deliberada e, posteriormente, essas

imagens são encaminhadas de forma desautorizada para terceiros, não passa por regulamentação, tampouco possui uma legislação específica acerca deste assunto. Sendo assim, a pessoa exposta não é protegida pela lei supracitada, uma vez que, em tese, ela própria se expôs nas redes *online*. Portanto, fica evidente as limitações do aparato jurídico no que se refere ao fenômeno do sexting e da divulgação inapropriada de imagens íntimas.

No que diz respeito ao *sexting* realizado por adolescentes, o direito à expressão livre da sexualidade, mencionado anteriormente, pode esbarrar em uma série de outras questões jurídicas, como, por exemplo, ao serem confundidas como produção de pornografia infantil. No Brasil, o não-reconhecimento do *sexting* como uma prática sexual e a ausência de leis específicas para tal podem enquadrar indivíduos que produzem imagens de cunho sexual e nudez como produtores e disseminadores de pornografia infantil, de acordo com o Art. 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990 (KAUR, 2014; MANOEL, 2018). O mesmo ocorre na legislação dos EUA. Como exemplo, na Pensilvânia, três garotas de 13 anos que tiraram fotos de si mesmas de *topless* e as compartilharam com seus colegas de classe foram acusadas de produção de pornografia infantil, tendo que enfrentar processos judiciais (SEGOOL; CRESPI, 2011).

Mesmo que projetos de lei versem sobre a regulamentação de tais práticas e a punição de violências como o *revenge porn* (ANDRADE, 2015), ainda existem muitas lacunas para a proteção das pessoas que tiveram suas mensagens íntimas compartilhadas de forma desconsentida. Similarmente, a literatura científica sobre o *sexting* e suas consequências, como as repercussões psicológicas e sociais, ainda é praticamente inexistente, principalmente no Brasil (MANOEL, 2018) - o que se relaciona, certamente, à

ausência de uma legislação eficaz. Diante do exposto, estudos nacionais se fazem necessários, tanto voltado para os aspectos jurídicos quanto em termos da saúde mental das vítimas.

2. OBJETIVO GERAL

- Analisar as motivações para a prática do *sexting* e os impactos, sociais e psicológicos, da divulgação de imagens íntimas divulgadas sem o consentimento de adolescentes do gênero feminino.

2.1 Objetivos Específicos

- Identificar quais foram as motivações das adolescentes para o envio de imagens íntimas, analisando se tal prática foi deliberada, como forma de exploração da própria sexualidade ou se houve presença de coerção ou pressão de pares.
- Verificar os impactos sociais e psicológicos do vazamento de imagens íntimas de garotas adolescentes.
- Avaliar os fatores de risco e proteção disponíveis às adolescentes após a divulgação inadequada de suas imagens íntimas.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa se refere a um estudo de abordagem qualitativa, em período transversal, delineado a partir de um estudo de casos múltiplos. A análise qualitativa se mostra adequada ao permitir a exploração aprofundada de fenômenos complexos e de natureza subjetiva, por meio de análises e interpretações dos conteúdos trazidos pelas próprias participantes. Assim, há a possibilidade de interpretar as vivências pessoais dentro de seus contextos particulares e recortes específicos, além de analisar como cada uma das participantes as interpreta (YIN, 2001).

Analisando as experiências e interpretações singulares de cada indivíduo, se pode compreender melhor como se dá o funcionamento de uma sociedade e contexto como um todo, uma vez que as subjetividades de um sujeito não se dão de forma isolada, mas sim influenciada e intimamente interligada com valores e significações sociais do contexto em que este se encontra inserido (HELLER, 2000). Neste sentido, entende-se a singularidade dos indivíduos como uma amostra de como se dá um fenômeno em seu aspecto universal, compreendendo correlações entre as experiências pessoais e generalidades de um determinado contexto, uma vez que não se pode separar o singular do universal - conceitos que estabelecem reciprocidade constante (PASQUALINI; MARTINS, 2015).

Além disso, a pesquisa foi classificada como um estudo de casos múltiplos devido à possibilidade de realizar comparações entre os diferentes relatos, observando divergências e convergências entre eles. Assim, este modelo investigativo possibilita analisar fenômenos sociais complexos, atentando-se para os aspectos contextuais como estes podem influenciar ou até mesmo serem determinantes em um fenômeno (YIN, 2001). O emprego do estudo de casos múltiplos permite inferir generalizações e hipóteses sobre o tema estudado, por meio da análise dos pontos convergentes presentes nos relatos, além de analisar as particularidades da vivência de cada um dos casos (STAKE, 1999).

3.1: *Córpus* de Análise e Procedimentos

Como é de conhecimento de todos, o Brasil se encontra diante de uma epidemia de COVID-19, a qual exige, entre outros cuidados para amenizá-la, o distanciamento social. Assim, no dia 24 de março de 2020, o Governo do Estado de São Paulo decretou quarentena em todos os municípios do estado,

a qual se mantém até o presente momento, impedindo ou limitando o número de pessoas nos mais diversos estabelecimentos ou mesmo a circulação em espaços públicos. Devido a tais prorrogações, a ausência de perspectiva de retorno às atividades e todas as dificuldades impostas pelo contexto da pandemia, ficou inviabilizado a coleta de dados diretamente com as adolescentes, tal como previsto na versão original do projeto de pesquisa submetido à FAPESP.

A pesquisadora e seu orientador encaminharam à FAPESP uma solicitação de Alteração nos Dados da Bolsa, que foi devidamente aprovada no dia 10/08/2020. Após diversas possibilidades levantadas para a viabilização e continuidade do projeto de pesquisa, sem que houvesse mudanças substanciais nos objetivos traçados originalmente, optou-se pela análise de conteúdo dos vídeos localizados na plataforma YouTube. A análise destes materiais se mostrou exequível e uma alternativa inovadora para o campo de pesquisa em questão.

Após a análise de alguns vídeos publicados deliberadamente pelas adolescentes - acerca de suas experiências em relação à divulgação de imagens íntimas-, a pesquisadora e seu orientador constataram que boa parte das questões elaboradas no roteiro de entrevista (que seria conduzida pessoalmente com as adolescentes) eram abordados espontaneamente pelas adolescentes. Assim sendo, apesar de ter sido alterada a fonte para a obtenção de dados, não foi necessário sequer alterar os objetivos da pesquisa.

O passo seguinte foi verificar se esse tipo de investigação era viável em termos dos princípios éticos e comerciais. Por se tratar de uma plataforma de acesso livre e gratuito, os pesquisadores entenderam que nenhuma violação de direitos ocorreria ao utilizar o conteúdo das falas das adolescentes.

Complementarmente, o uso dos vídeos não feriria as diretrizes estabelecidas pela empresa (YouTube), pois a utilização do material se deu para finalidade educativa, científica e sem natureza comercial. Os dilemas éticos destas escolhas metodológicas, bem como o caráter inovador da utilização de falas publicadas espontaneamente por adolescentes (especialmente para os estudos qualitativos) serão publicados posteriormente em um periódico internacional (International Journal of Qualitative Methods).

Os vídeos foram escolhidos e incluídos no *corpus* de análise de acordo com os seguintes critérios de inclusão: (1) relatar casos de ameaça ou efetiva divulgação de imagens íntimas de forma desconsentida; (2) feitas por adolescentes do gênero feminino; (3) brasileiras; (4) publicados deliberadamente no YouTube. Na exploração de tais vídeos, foram utilizadas as seguintes palavras-chave no campo de busca: “nudes; vazar (e termos correlatos, como “vazamento, vazaram”); fotos íntimas; pornografia da vingança; ameaça; aconteceu comigo; relato”. Ademais, um dos vídeos presentes na análise foi indicado pelo próprio mecanismo de sugestões do YouTube – esse, por sua vez, não possui nenhuma das palavras-chave citadas em seu título, porém possui o mesmo tipo de conteúdo. Todos os vídeos se referiam a auto relatos, exceto um, no qual uma garota relata a experiência de uma terceira pessoa que preferiu não se identificar, também do gênero feminino.

No total, foram selecionados sete vídeos. Devido ao fato de um dos vídeos abordar dois casos distintos, totalizaram-se oito casos. Todas as falas das adolescentes que aparecem nos vídeos foram transcritas em sua íntegra, visando a categorização e análise qualitativa dos dados.

Apesar de os vídeos estarem disponíveis na plataforma supramencionada, optou-se por não apresentar os links dos vídeos neste relatório. Por se tratar ainda de um procedimento de investigação novo e com questões éticas que ainda precisam ser analisadas pela comunidade científica, os materiais não serão divulgados neste relatório ou em eventuais publicações decorrentes desta investigação.

3.2 Análise de dados

A análise dos dados coletados por meio dos vídeos foi realizada por meio análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011). Tal procedimento consiste em analisar, sistematicamente, os discursos dos participantes durante a coleta de dados, dividindo os conteúdos em eixos temáticos e estabelecendo relações entre os dados trazidos pelos discursos das participantes. Para tanto, a análise de Bardin é dividida em três etapas distintas, mas complementares: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

A pré-análise consistiu em organizar o material por meio de uma leitura sistemática e exaustiva dos dados coletados e transcritos. A exploração do material, por sua vez, se deu pela divisão dos dados em eixos temáticos, codificados de forma a sintetizar os conteúdos apresentados pelas participantes. Já o tratamento dos resultados se caracterizou pela retomada da literatura referente ao tema de interesse e subtemas encontrados no processo de codificação, buscando significar e interpretar os conteúdos evocados pelas participantes (SANTOS, 2011).

4. Resultados e Discussão

Após a organização dos relatos encontrados e, subsequentemente, por intermédio da análise de conteúdo de Bardin (2011), foram elaboradas quatro

diferentes categorias que se alinham aos objetivos inicialmente traçados para a presente pesquisa: (1) Contexto da exposição; (2) Ausência de apoio e impactos psicossociais às vítimas; (3) Fatores de proteção e mobilização de estratégias de enfrentamento; (4) Resiliência e Protagonismo Juvenil. A Tabela 1 apresenta as categorias elaboradas, juntamente com a descrição sumarizada de cada uma delas, bem como as subcategorias identificadas e atinentes à divulgação desconsentida das imagens íntimas.

Tabela 1

Síntese das categorias

Categorias	Descrição	Subcategorias
Contexto da exposição	Condições relacionais, sociais, emocionais e situacionais nas quais ocorreram o vazamento das imagens	<ul style="list-style-type: none">▪ O agressor;▪ O contexto;▪ A motivação para a produção e envio das imagens íntimas;▪ Meios de divulgação.

Ausência de apoio e impactos psicossociais às vítimas	Elementos que, diante do vazamento de imagens íntimas, promoveram agravamento da situação, juntamente com as consequências do acontecimento	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Impactos nos relacionamentos interpessoais (<i>cyberbullying</i> e <i>slutshaming</i>); ▪ Ausência de apoio e suporte social às vítimas; ▪ Repercussões na saúde mental.
Fatores de proteção e mobilização de estratégias de enfrentamento	Elementos que atenuaram ou reduziram os riscos advindos do vazamento de imagens íntimas, que promoveram apoio, juntamente com estratégias encontradas para o enfrentamento do acontecimento experienciado	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Os pares; ▪ A família; ▪ A percepção sobre o evento; ▪ As redes sociais
Resiliência e Protagonismo	Manifestação de processos de resiliência nas adolescentes, levando-as a desenvolverem o protagonismo juvenil e uma postura altruística para ajudar outras pessoas com experiências similares às das vítimas.	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Resiliência e protagonismo – as motivações para o relato de vivências nas redes sociais

4.1 Contexto da Exposição

Nesta categoria, foram apresentadas as circunstâncias do vazamento de imagens íntimas descritas nos relatos analisados, considerando a relação do agressor com a vítima, a motivação para a produção de imagens íntimas e as redes sociais utilizadas para a divulgação desconsentida das mesmas. Como pode ser notado, os dados desta categoria, por sua extensão e profundidade, foram sistematizados em quatro subcategorias: (1) O agressor, que refere-se ao perfil do responsável pela divulgação desconsentida das imagens íntimas, bem como o tipo de relacionamento com as vítimas; (2) O contexto, ou seja, as circunstâncias do vazamento, como o término de relacionamentos; (3) A motivação para a produção e envio das imagens íntimas, exemplificado, sobremaneira, como a pressão do parceiro íntimo; e (4) Os meios de

divulgação, alusivos às plataformas ou mídias onde as imagens íntimas circularam, sobretudo as redes sociais.

Os relatos apontam, de forma geral, para o perfil de um agressor do sexo masculino, que possuía envolvimento amoroso com a vítima e, portanto, uma relação de confiança. Dessa maneira, em todos os casos a vítima produziu as próprias imagens, sob os mais variados motivos. As narrativas apontam para uma busca de fortalecimento de relacionamentos, de exploração da sexualidade, aumento da autoestima ou até mesmo pressão do companheiro. Cabe salientar que reiteradamente as vítimas verbalizaram que os agressores asseguravam às adolescentes que ninguém mais teria acesso às imagens. Entretanto, especialmente após a ocorrência do término do relacionamento, tais imagens foram veiculadas, de forma desconsentida, em redes sociais de amplo acesso, como o Facebook e Instagram.

Além disso, também foram identificadas situações cujo agressor possuía relação estritamente de amizade com a vítima, bem como constatou-se casos em que a pessoa que divulgou as imagens não foi identificada. De acordo com os relatos das adolescentes, foram diversas as motivações dos agressores para a exposição indevida, variando desde completo desconhecimento sobre o porquê destas ações quanto casos de exposição motivados pela rejeição das adolescentes às investidas amorosas do agressor. A Tabela 2 sumariza estas informações e ilustram acuradamente os principais achados desta categoria.

Tabela 2

Contexto da exposição

O agressor
<i>V2: Ex-namorado - "Ficamos um tempo, né? Mas tipo, a gente nunca se via. Era aquele namoro que a gente se via na balada, a gente ficava e era isso. Mas enfim, era o menininho</i>

que eu gostava. E nisso eu me apaixonei por ele, né? No meio desse relacionamento, ele me pediu uma foto. E essa foto vocês imaginam como seria, né. Uma foto nua. [...] Aí passou um tempo – passou dois, três meses, sei lá. A gente terminou, a gente já não se falava mais.”

V5: Garoto de investidas amorosas rejeitadas - “E depois eu descobri que quem espalhou essa imagem na verdade foi um garoto, que pegou o celular de um amigo que recebeu a foto do grupo, que está no grupo. Pegou o celular, estava do lado dele. E espalhou a foto. E esse menino era um garoto que já tinha tentado ficar comigo uma vez e eu não quis.”

V6: Amigas - “Mas vamos lá: eu comecei a me envolver com um pessoal, comecei a sair com umas meninas [...] Eu confiava muito nas meninas, porque eu achava que elas eram minhas amigas de verdade [...] Certo dia, umas meninas desse grupo decidiram virar a cara pra mim e simplesmente espalharam as minhas fotos no Instagram.”

O contexto

V1: “Ele pegou confiança em mim, eu peguei confiança nele. Enfim. E ele até que um dia me pediu [fotos íntimas] e eu acabei mandando. Chegou um dia que ele me pediu, e eu falei que não ia mandar [...] E foi aí que começou todo o problema. Ele me ameaçava, falava que se não mandasse ele ia espalhar as outras fotos que ele tinha minha.”

V3: “Mas assim: acabou o relacionamento e aí vazou as fotos, sabe? E nossa, quando vazou as fotos – e não era uma, nem duas. Eram várias fotos, sabe? E aí isso espalhou pela minha cidade inteira (minha cidade é pequena).”

Motivação para a produção e envio das imagens íntimas

V1: “Só que assim... Ele não me pediu e eu mandei [fotos íntimas]. Eu me senti muito pressionada porque ele ficava me pressionando todos os dias, toda hora, sabe? [...] Eu me lembro que teve uma vez até que ele me ameaçou e eu acabei mandando de medo.”

V4: “E ele jurou de pé junto que não ia mandar para ninguém, que ele não ia postar em lugar nenhum, que como ele estavam a distância que ele queria ver o corpo dela para ele se sentir mais próximo dela.”

V8: “Então, na verdade tudo começou com uma forma boba, porque era uma época em que eu tava me preocupando muito com a aparência. Então, acho que era a época que eu estava mais insatisfeita comigo, com meu corpo e tal. E tinha um grupo de mais ou menos 7 minas, e a gente falava muito de academia e todo dia, sei lá, queria falar muito do lugar que tava, de como se sentia bem e tal, e mandava algumas fotos.”

Meios de divulgação

V2: Facebook - “Quando eu cheguei em casa, entrei no computador, a minha janelinha de conversa – ali, sabe? As mensagenzinhas no Facebook... Cheia de mensagem, tipo... Tinha trinta e duas mensagens. [...] Na foto – tudo bem que não tinha o meu rosto, né? Mas tinha o meu armário e o meu chão, que normalmente é onde eu tiro foto. Mas aí pra ajudar mais, perguntaram pra ele tipo “quem é? Nossa, é sua ex? [...] E ele foi e mandou o link do meu Face. E aí os outros já vieram, né? Entraram no meu Face, me xingaram e blá blá blá.”

V6: Instagram - “Fizeram um perfil fake no Instagram e postaram todas as minhas fotos. E seguiram a cidade inteira. Em menos de cinco minutos a cidade inteira ‘pum’, já tinha as minhas fotos [...]”

A partir da análise dos oito casos, cinco agressores eram do gênero masculino, um caso referiu-se a um grupo de amigas, um deles não foi identificado pela vítima e outro não foi mencionado pela adolescente. Ou seja, os dados revelam que é possível identificar os responsáveis pela divulgação de

imagens íntimas de forma desconsentida. Esse dado é particularmente importante porque sabe-se que a responsabilização de agressores e das pessoas que cometem crimes sexuais virtuais é de suma importância para a minimização dos efeitos psicológicos adversos nas pessoas que foram vítimas de violência (MOURA, 2020).

Além disso, a identificação dos agressores neste estudo vai ao encontro com a literatura já produzida sobre o assunto (ANDRADE, 2015; HASINOFF, 2017), sugerindo que existem marcadores de gênero associados a este tipo de violência. O machismo e o patriarcado produzem a objetificação do corpo da mulher (e, sem dúvida, das adolescentes) tornando-as vulneráveis a sofrerem crimes sexuais (MORELLI, 2016). Adicionalmente, a prática da divulgação de imagens íntimas pareceu também vinculada à vingança do ex-parceiro, que tem sido tratado na literatura como pornografia de vingança (*Revenge Porn*) (GÓES, 2017).

Os dados obtidos alertam sobre a necessidade do desenvolvimento de programas de educação sexual voltados para adolescentes. Os temas devem estar circunscritos a condutas auto protetivas, estratégias de redução de danos (como omitir a face e locais que permitam a identificação da pessoa que produz a imagem), assimetrias de poder em relacionamentos afetivos, enfrentamento do machismo e de práticas que desqualificam o corpo feminino (Yount, Krause, & Miedema, 2017; Oliveira, Gessner, Brancaglioni, Fonseca, & Egry, 2016; Sosa-Rubi et al., 2017). Sem dúvidas, tais estratégias devem focar adolescentes do gênero masculino, pois, tal como já constatado em pesquisas realizadas em outros contextos (SOUSA, 2017) e também na presente

investigação, a maioria dos casos de divulgação de imagens íntimas desconsentida ocorre por ações indevidas dos meninos.

Em relação às motivações para a produção de imagens íntimas, notou-se os mais variados. Cabe salientar, contudo, que o tema da baixa autoestima foi mencionado por várias adolescentes. O estudo de Lima (2019) demonstrou que a produção de imagens íntimas pode auxiliar no aumento da autoestima, uma vez que as imagens de si mesmas possibilitam a visualização de seus corpos de forma diferente do habitual, incitando o empoderamento e a auto aceitação. Esses dados são intrigantes e convocam os pesquisadores brasileiros a desenvolverem estudos buscando compreensões mais aprofundadas entre estes dois temas, que, ao que parece, possuem associações.

É importante mencionar que parte das adolescentes produziram material íntimo por coerção ou pressão. Nestes casos, o agressor convenceu a adolescente a enviar fotos contra sua vontade, sob a justificativa de fortalecimento de relacionamentos a distância ou até mesmo por meio de ameaça. A pressão de pares também foi destacada em inúmeros estudos, como por exemplo, na pesquisa de Kaur (2014), Henderson & Morgan (2011) e Machado (2016). Intervenções psicológicas e educativas podem auxiliar adolescentes do gênero feminino a desenvolverem estratégias protetivas contra investimentos abusivos dessa natureza. Além disso, é importante que as vítimas disponham de redes de apoio afetiva e social fortalecidas, pois em situações similares as mesmas podem buscar ajuda, orientação e até mesmo suporte legal contra investidas coercitivas.

Os meios de divulgação das imagens íntimas foram os mesmos em todos os casos, como redes sociais, grupos de WhatsApp, Facebook e Instagram. Tratam-se de recursos amplamente utilizados por adolescentes, sendo que boa parte dos processos de socialização se dão nestes contextos virtuais (BARCELOS, 2010). Indubitavelmente, as tecnologias e as novas plataformas interacionais trouxeram inúmeros benefícios à toda população, mas não se pode negar que novos comportamentos e práticas têm sido fatores de risco potentes à integridade de adolescentes. Os dados desta investigação ilustram esta afirmação; as adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas se sentiram humilhadas, constrangidas e ridicularizadas em vários espaços – real e virtual. Como será debatido posteriormente, esta exposição indevida e desconsentida repercutiu em dimensões da saúde mental das vítimas.

4.2 Ausência de apoio e impactos psicossociais às vítimas

Na presente categoria foram apresentadas as falas que demonstraram os impactos psicossociais advindos da divulgação de imagens íntimas na vida das adolescentes, principalmente nos relacionamentos interpessoais e na saúde mental. Chama também atenção o fato de as adolescentes terem citado frequentemente o sentimento de desamparo e falta de suporte das pessoas e instituições que tinham acesso, bem como o aparecimento de sintomas e relatos de sofrimento psíquico intenso após a exposição indevida. Visando uma análise detalhada e aprofundada dos relatos, foram sistematizadas três subcategorias distintas.

A primeira, nomeada como (1) Impactos nos relacionamentos interpessoais, refere-se às repercussões nas relações das adolescentes

(sobretudo com seus pares). Após o vazamento das imagens, as adolescentes relataram passar por situações de humilhação e perseguição, notadamente por meio de (1.1) xingamentos nas redes sociais – episódios de *cyberbullying* e (1.2) sofreram com a prática do *slutshaming*, que, como já debatido na introdução, diz respeito às agressões e condutas depreciativas em relação às vivências e práticas sexuais das mulheres.

A segunda subcategoria refere-se à constatação da (2) Ausência de apoio e suporte social às vítimas. De acordo com os relatos, algumas instituições, como a escola, a família e o sistema de justiça (delegacias, juízes, policiais, entre outros) falharam em fornecer suporte às vítimas, o que reverberou no agravamento do sofrimento das vítimas e na solidificação de um sentimento de desamparo e baixa percepção de suporte social. A terceira subcategoria, por sua vez, diz respeito às (3) Repercussões na saúde mental, abrangendo aspectos sintomatológicos e sofrimento psicológico das vítimas, tal como isolamento, tristeza e angústia.

Aliás, as instituições supracitadas foram apontadas pelas adolescentes como responsáveis pelo agravamento das consequências do vazamento de imagens íntimas. Na escola, por exemplo, foram mencionados desde episódios de linchamento virtual e perseguição constantes às vítimas, como também intervenções inadequadas da direção, que puniram as adolescentes pelo vazamento de suas fotografias e abordaram este assunto com os familiares de modo equivocado. Similarmente, algumas famílias se mostraram inaptas em fornecer o apoio adequado às vítimas, se afastando das mesmas, responsabilizando-as pela divulgação das imagens e/ou julgando-as. Por fim, o sistema de justiça foi citado como outra esfera que falhou em fornecer apoio às

adolescentes. No caso daquelas que recorreram a delegacias e outras medidas legais (como a realização de um Boletim de Ocorrência – BO), relatou-se um processo burocrático, constrangedor e demorado. Assim, ao envolver familiares e terceiros ligados ao processo de judicialização do caso, houve agravamento da exposição, evidenciando também o despreparo do sistema de justiça em lidar com tais demandas.

Em decorrência dos prejuízos nos relacionamentos interpessoais, somado à percepção de ausência de suporte social, as vítimas relataram ter desenvolvido sintomas e até mesmo agravamento de quadros sintomatológicos pgressos. Por meio desta subcategoria, intitulada Repercussões na saúde mental, ficou constatado que algumas adolescentes passaram a relatar sintomas que podem indicar quadros depressivos (tristeza, angústia, anedonia, baixa autoestima, isolamento, entre outros) e de ansiedade. Os resultados sugerem, dessa forma, que a exposição de imagens íntimas de forma desconsentida na adolescência, somado às perseguições constantes e a percepção de baixo suporte social, parece estar diretamente associada com o surgimento de sintomas e de quadros sindrômicos.

A Tabela 3 ilustra os resultados encontrados, trazendo fragmentos representativos dos relatos obtidos nesta categoria.

Tabela 3

Ausência de apoio e impactos psicossociais às vítimas

Impactos nos relacionamentos interpessoais e na saúde mental	
<i>Cyberbullying - xingamentos nas redes sociais</i>	<i>V2: “Quando eu entro [no Facebook], tem tipo, umas quinhentas pessoas me chamando de puta, de vagabunda, me xingando.”</i>
<i>Slutshaming - agressões voltadas à aspectos da sexualidade da vítima</i>	<i>V3: “Você fica tipo, muito mal. E sempre vai ter aquelas pessoas invejosas que ficam falando tipo: “meu Deus, essa mina é uma vagabunda, uma biscate’.”</i> <i>V5: “É... Não era muito legal estar na escola, porque todo mundo ainda olhava torto. Eu lembro que tava andando por aí, um garoto (7º ano, dois anos mais novo do que eu) me abordou e falou “ah, eu vi seus peitos! Posso ver de novo?”. Eu só fiquei, tipo “não obrigada” e continuei andando. Isso aconteceu umas três vezes no colégio.”</i>
Ausência de apoio e suporte social às vítimas	
<i>Escola</i>	<i>V5: “Em 2014, eclodiu uma rede social chamada ‘Secrets’. A direção da escola descobriu o aplicativo. A direção da escola entrou no aplicativo, procurou a foto de todas as garotas que estudavam na escola e tinha várias meninas que [tinham] fotos íntimas expostas no aplicativo. E como eram postados em anônimos, não tinha o nome de quem postou. Não tinha como a pessoa ser punida. E aí a escola simplesmente uniu as fotos, e em vez de procurar o real culpado por espalhar isso, convidou as garotas que foram espalhadas [...] as garotas que sofreram a tal da Pornografia de Vingança. [...] Basicamente, a escola reclamou com a real vítima disso. Fizeram como se a gente fosse realmente as culpadas por isso. E não foi só eu, foram várias meninas que eu vi chorando, saindo da sala da coordenação. Porque agora as fotos iam ser expostas pra família delas, que aconteceu, né? ‘Exporam’ [expuseram] pra família, chamaram os responsáveis para ver isso e falar sobre o que ela tinha feito de errado pra ela tá naquele aplicativo.”</i>
<i>Família</i>	<i>V2: “Essa foto chegou na minha mãe e tipo, quando chegou na minha mãe eu tava na escola. [...] Quando eu cheguei em casa, a minha mãe falou um monte pra mim. Tipo, eu não tive o apoio dela, mas acho que, sei lá. Não sei se ela se arrepende de não ter me apoiado. Ela tipo, ficou arrasada também. Acho que o que doeu mais foi o que ela falou pra mim. Eu entendi também o que ela tava passando, que eu tava passando pela mesma coisa.”</i> <i>V3: “Uma parte da minha família se afastou de mim, o que eu achei muito errado e egoísta e totalmente desnecessário, sabe? Tipo, meu, eu não fiz nada demais. Realmente, tipo, fui taxada de todas as coisas que uma pessoa pode ser taxada.”</i>
<i>Sistema de justiça</i>	<i>V4: “Tiveram que fazer uma denúncia contra crimes de internet, né. Demorou um século, mas eles conseguiram sim tirar aquela página do Facebook do ar. Mas isso gerou muita dor de cabeça para C., para família dela. Muita vergonha. Ela disse que se sentiu um... Horrível. Ela não consegue nem explicar com as palavras o quão mal ela se sentiu quando aquela situação aconteceu [...] A C. teve que ir na delegacia para fazer um B.O. de crime de internet. Diz que demorou um tempão para conseguir tirar aquela página do ar. Então foi muita vergonha que ela passou dentro da família dela.”</i>
Repercussões na saúde mental	
<i>V5: “Assim, eu já tinha ansiedade, então eu não acho que foi causado por isso [pelo vazamento de imagens íntimas]. Mas foi um fator que contribuiu bastante pra aumentar... Quer dizer, para diminuir minha autoestima. Eu acho que foi um fator muito importante pra me fazer mais insegura e também para manter na terapia.”</i>	
<i>V6: “E aí eu me afastei desse pessoal, e foi uma época que eu fiquei muito mal, que eu fiquei o tempo inteiro em casa. Eu parei de sair, eu parei de conversar com todo mundo. Eu tava me</i>	

sentindo muito sozinha. Eu estava entrando em depressão, eu tive que entrar com o tratamento, foi uma época bem difícil.”

Os trechos analisados nessa categoria demonstraram que os impactos estão associados, acima de tudo, à culpabilização e objetificação das vítimas. Nota-se que insultos e ofensas nas redes sociais e na vida real se tornam comuns, principalmente aqueles de cunho sexual, cujas vítimas são julgadas por suas vivências sexuais, sendo taxadas como indecentes e imorais. Os relatos evidenciam a presença de *cyberbullying*, assédio e xingamentos. A revitimização e a culpabilização das vítimas já foram minuciosamente abordadas em outras pesquisas (GÓES, 2017; MORENO, 2014; MANOEL, 2018; OUYTSEL, 2015). O processo de demonização das mulheres (GONÇALVES; ALMEIDA, 2018; GÓES, 2017), sobretudo em situações de violência sexual e crimes virtuais, origina-se e se perpetua na sociedade patriarcal, que coloca as mulheres numa condição de subserviência e como uma mercadoria. Por serem objetificadas cotidianamente, passam a ser responsabilizadas pelas violências que sofrem e se sentem amedrontadas, pois diversas instâncias sociais não se posicionam a seu favor.

No caso da presente investigação, instituições como a escola, a família e sistema de justiça, que poderiam atuar como fatores de proteção, não pareceram oferecer o apoio e suporte necessário às vítimas. Tanto escola como família se mostraram inábeis em lidar adequadamente com a exposição vivida pelas adolescentes e acolhê-las em seu sofrimento. De certa forma, compactuaram e até mesmo agravaram a ridicularização e responsabilização das vítimas, promovendo isolamento social e sentimento de desamparo das mesmas.

Já existe material robusto na literatura que aponta sobre o papel fundamental da família e da escola na vida de adolescentes que sofreram violência (PESSOA et al., 2017; QUIRINO et al., no prelo). Na medida em que as adolescentes se sintam amparadas e acolhidas por estas instituições, aumenta-se consideravelmente a probabilidade do desenvolvimento de recursos sociais e psicológicos para lidar os infortúnios gerados pelas situações que violaram seus direitos (QUIRINO et al., 2021, no prelo). Por outro lado, a percepção de baixo suporte social pode intensificar os efeitos da violência e tornar as pessoas ainda mais vulneráveis (BAPTISTA; CARDOSO, 2010). Nesse sentido, torna-se imprescindível ampliar a discussão sobre *sexting*, divulgação desconsentida de imagens íntimas, medidas de redução de danos, entre outros, com as famílias e com as equipes escolares, pois a reação dessas instituições diante de casos similares pode significar fortalecimento subjetivo das vítimas ou a intensificação do seu sofrimento.

O sistema de justiça também se mostrou despreparado para lidar com tais demandas. O processo burocrático e demorado demonstra ser incapaz de diminuir o sofrimento das adolescentes, forçando-as a envolver a família e a vivenciar repetidamente a exposição para que medidas como a retirada das fotos da internet possam ser tomadas. Valente e colaboradores (2016) atentam para a revitimização atrelada ao processo penal, cujos advogados, promotores e defensores não compreendem as fragilidades emocionais pelas quais as vítimas podem estar passando, levando a ainda mais desgaste emocional e a revitimização dentro do próprio sistema de garantia de direitos.

Acredita-se, ainda, que muitos casos de exposição de fotos íntimas sequer chegam às delegacias e tribunais, e as razões para isso são várias. A

primeira delas é a vergonha e o medo da vítima de ser julgada pela família; a segunda diz respeito à falta de confiança em profissionais do sistema de garantia de direitos, uma vez que estes possuem acesso às imagens íntimas. A terceira, por sua vez, se refere à dificuldade em confiar no sistema judicial, devido ao machismo presente neste contexto institucional (TRUZZI apud VALENTE et al., 2016).

A partir dos dados compilados nesta investigação e da literatura da área, aponta-se para a necessidade do desenvolvimento de ações de formação continuada para profissionais que atuam em escolas e delegacias, bem como programas voltados para as próprias famílias, auxiliando-os na condução mais assertiva de casos que envolvam a divulgação desconsentida de imagens íntimas de adolescentes. Tais medidas devem enfatizar as ações de acolhimento das vítimas, celeridade no sistema de justiça, responsabilização dos agressores e disponibilização de serviços de atendimento especializados às adolescentes e seus familiares, quando necessário.

Ademais, os relatos analisados revelaram os impactos na saúde mental das adolescentes, reiterando o que está registrado na literatura sobre a associação entre vazamento de imagens íntimas e adoecimento (SANTOS, 2018; GÓES, 2017). Notou-se, ainda, que a divulgação desconsentida das imagens íntimas pode agravar os casos de adolescentes que já haviam recebido um diagnóstico clínico (em especial quadros de depressão e ansiedade). Contrariando a pesquisa realizada pelo Projeto Vazou (2018), não foram identificados nos relatos das adolescentes situações de automutilação ou ideação suicida. Contudo, diversas adolescentes relataram isolamento social, alterações bruscas no modo de vida, perda de interesse em atividades

prazerosas, sentimentos de solidão, tristeza e vergonha, baixa autoestima e rompimentos sociais significativos. Os dados sugerem que em casos similares deve haver uma preocupação constante em relação à saúde mental das vítimas. Avaliar as condições psicológicas da vítima e encaminhá-las a serviços especializados pode ser fundamental para um prognóstico eficaz.

4.3 Fatores de proteção e mobilização de estratégias de enfrentamento

Nesta categoria foram contemplados os recursos, pessoas e situações que forneceram apoio às vítimas do vazamento de imagens íntimas, ou seja, que tiveram um papel protetivo para as adolescentes. Similarmente às categorias apresentadas anteriormente, os dados desta categoria foram divididos em 4 diferentes subcategorias: (1) A função dos pares, referente ao apoio recebido de colegas e amigas; (2) A família, alusivo, sobretudo, à figuras parentais; (3) A percepção sobre o evento e o tempo, ou seja, a compreensão subjetiva e pessoal da violência sofrida, que corresponderam, sobremaneira, à ressignificação das experiências adversas decorrentes da divulgação desconsentida das imagens íntimas; e (4) As redes sociais, alusivos a expressão de conteúdos emocionais em plataformas digitais, mídias ou pela opção da saída do ambiente online, visando principalmente a diminuição dos episódios *cyberbullying*.

Os resultados obtidos demonstram a importância da rede de apoio afetivo e social, especialmente amigos, namorados e familiares. Os dois primeiros grupos foram responsáveis pela manutenção da autoestima e motivação das adolescentes, fazendo companhia durante momentos de forte abalo emocional. No que diz respeito à família, os relatos apontaram que por mais que a comunicação e recepção da notícia tenha sido difícil (ver

Resultados da Categoria 2), alguns dos núcleos familiares também promoveram bem-estar e cuidado, pois acalmaram as vítimas em momentos de sofrimento e forneceram um espaço de diálogo e acolhimento. Além disso, elogios feitos pelos familiares, ressaltando, por exemplo, como as fotos eram bonitas e não um motivo de constrangimento, tiveram um efeito positivo nas vítimas, pois minimizaram as críticas e constrangimentos que sentiam pelos posicionamentos de outros grupos.

A percepção do evento é expressa pelas participantes como uma forma de mobilização interna de recursos para o enfrentamento dos eventos adversos, marcadamente pela superação da situação, pelo confronto dos insultos de terceiros e pela resignificação da violência que sofreram. Neste sentido, o tempo também se mostrou uma variável relevante e um fator protetivo para as adolescentes. Paulatinamente, as adolescentes relataram que as pessoas esqueceram do que ocorreu e suas vidas e atividades cotidianas puderam ser retomadas.

Por fim, as redes sociais também foram mencionadas como ambientes de livre expressão do sofrimento experienciado, além de se configurar como um espaço onde as garotas poderiam interagir com pessoas de outros grupos e cidades, fazer amigos e encontrar apoio emocional. Também foi narrado por algumas adolescentes que a saída das redes sociais (cancelamento de suas contas, por exemplo) foi um fator protetivo, uma vez que as imagens íntimas passaram a circular nesses locais. Portanto, sair das redes sociais (ao menos temporariamente) foi uma das estratégias adotadas para escapar da violência advinda da exposição e suas consequências. A Tabela 4 sumariza os dados encontrados:

Tabela 4

Fatores de proteção e mobilização de estratégias de enfrentamento

Os pares
<p>V8: “[...] então foi o que me motivou, e o apoio do meu namorado da época, e das minhas amigas também.”</p> <p>V7: “[...] Vai pros teus amigos – os amigos de verdade, ainda mais que nessas horas você vai descobrir muito bem quem é realmente teu amigo e quem não é. [...] O teu amigo de verdade vai saber que você está sendo honesta, vai saber a verdade, entendeu? Ele vai acreditar em ti. É isso que importa, entendeu? Os teus amigos acreditarem. F***-se os restos, entendeu? F***-se o resto das pessoas.”</p>
A família
<p>V3: “Muito complicado criar coragem pra chegar e ‘ei, pai. Vazou uns nudes meu’. Meu, é muito complicado [...] Falando assim parece ser fácil, né? Tipo, chegar e falar. Mas, meu, é muito complicado, e pros seus pais te entenderem, ‘porque que você fez isso? Minha filha tá fazendo essas sacanagens aí’. É muito complicado. E minha mãe sempre esteve do meu lado quando aconteceu isso. Meu pai também acabou ficando do meu lado e minha família também me apoiou.”</p> <p>V8: “Eu tinha muito apoio da minha família inteira, da minha mãe tipo, até postar nas redes sociais que falem o que quiser, que não tem problema. E ela me foi uma pessoa que eu pensei que fosse brigar por causa disso, e que falou pra mim: ‘você tá linda na foto, sabe? Tipo assim, a foto tá incrível. Se não fosse tão errado eu postaria ela internet’ [...] Ela falou assim pra mim: ‘filha, por favor’, tipo assim: ‘para de pânico, você precisa tratar a situação como uma coisa real, que tá acontecendo, e ver uma forma de solucionar isso’. Ela falou pra mim assim: ‘ah, você tem que ficar feliz porque pelo menos você tá linda na foto, sabe? Tipo assim, é uma foto linda. É uma foto que quem tá vendo, se for falar alguma coisa vai ser por inveja, e outra: o seu relacionamento, ele envolve você – ele [namorado] acreditou em você, ele tá tranquilo contigo. É o que importa. As outras pessoas, sempre vai ter gente pra falar da sua vida. Mas a única coisa que você tem que fazer é: não se importa com essas coisas, porque você só vai ser feliz quando você parar de dar ouvido pra o que as tiverem falando’. Eu comecei a me sentir muito mais livre, eu comecei a ter, tipo, vontade de sair por aí, e as pessoas falavam disso. E foi a partir daí começou a falar disso com muita tranquilidade, entendeu?”</p>
Percepção sobre o evento
<p>V2: “E aí tipo, eu chorei muito, muito, muito, muito. E eu jurei ali que ia a última vez que tava sofrendo, que eu tava chorando (chorando, chorando, chorando) – que eu tava chorando por causa disso. Que aquilo ali não iria mais me abalar porque já fazia tempo, e eu passei por tudo aqui e não iria passar de novo [...] A menina que veio querer arrumar confusão comigo por causa dessa foto, eu falei assim: ‘minha querida, se você quiser imprimir a foto num cartaz enorme e colocar aqui na porta da escola, eu não vou ligar. Entendeu? Não tô afim de passar por aquilo de novo e eu não vou. Não vou me rebaixar’ [...] E eu sei que nessa parte eu fui muito forte, de ignorar o que falavam pra mim.” / “Se você quiser sumir, você some. Tipo, exclui Facebook, exclui o Whats [WhatsApp]. Some por um tempo que você vai ver que o tempo cura tudo.”</p> <p>V3: “É uma coisa que você vai ter que aprender a lidar consigo mesma. Eu aprendi a lidar, eu não ligo, eu tiro sarro de mim mesma. Até postei no Twitter esses dias ‘falou de nude? Logo eu, D. C.’. Tipo, meu, você tem que entrar na zueira, porque se você se deixar atingir, você vai só se machucar.” / “E assim, o único remédio, que me ajudou pra caramba, foi o tempo [...] Então não tem que fazer. Então você tem que ser forte. Se você está passando por isso, saiba que o único remédio que tem é o tempo. Não tem... O único remédio... Cara, depois de um tempo ela vai diminuir – a tua fama de nudes e tal.”</p>
Redes sociais - expressão mediada pelos mecanismos online ou saída do meio virtual
<p>V6: “E aí eu usei o Vine como uma maneira de escapar. E eu comecei a ficar amiga do pessoal que também fazia Vine, de São Paulo, e aí a gente começou... E aí a gente começou a sair, e eu comecei a, sabe? Trazer amizades da internet para a vida real. Eu comecei a ver que nem todo mundo era falso e queria te ver mal, que nem era em AT. [...] E</p>

aí quando aconteceu tudo isso, eu comecei a voltar a usar o Vine. Eu achei uma maneira de poder postar uma indireta, de poder me abrir do jeito que estava sentindo, sem precisar ser grossa, ser rude, dar patadas nas pessoas e falar diretamente pra elas [...]

E eu não via a hora de chegar em casa, assim. Toda a vez que eu ia pra escola passado, eu não via a hora de chegar em casa e poder abrir o meu Twitter pra poder conversar com vocês, sabe? Pode abrir minhas redes sociais pra poder ver que não era todo mundo que me odiava. Tinha gente que gostava de mim também, também.”

*V7: “Juro, bloqueia que é melhor, porque eu juro. Se tu preferir excluir teu Face, como já vi gente fazendo isso, por causa disso, exclui. F***-se, vai ter menos gente te enchendo o saco, também, né? “*

O apoio de pares, como amigos e namorados, se mostrou importante ao fornecer suporte emocional às vítimas. Tal fator de proteção se mostrou especialmente importante tendo em vista que as adolescentes relataram um período de isolamento social e sentimento de desamparo após o vazamento das imagens. De acordo com Hébert, Lavoie e Blais (2014), os relacionamentos entre pares na adolescência podem assumir papéis protetivos devido ao apoio significativo que estes podem oferecer às vítimas durante eventos adversos, considerando a crescente importância que os mesmos exercem nos relacionamentos sociais de adolescentes. Assim, o apoio emocional oferecido por pares pode atenuar os sentimentos de angústia, estresse e tristeza.

A percepção do evento, aqui entendida como a compreensão subjetiva da exposição vivida, também foi um fator de proteção relevante. Pesquisas acerca da violência sexual contra crianças e adolescentes apontam que alterar a percepção acerca da violência que sofreram tem o potencial de mobilizar recursos internos nas vítimas para lidarem com os efeitos adversos da violação de seus direitos (MARTINS, 2011; RIBEIRO; COIMBRA; LEME, 2019; UNGAR; 2018). Notou-se que as adolescentes, ao refletirem sobre suas próprias condições e ao compreenderem que não tinham culpa pelo o que ocorreu, se colocaram de forma ativa perante à violência vivida. Isso foi manifestado pelo

enfrentamento das pessoas que perpetuavam o *cyberbullying*, mas também por uma alteração substancial na forma como enxergavam e lidavam com a exposição indevida.

Além disso, o tempo também emergiu como fator de proteção, uma vez que a exposição, de acordo com as adolescentes, é gradualmente esquecida pelas pessoas. Dessa forma, progressivamente, elas passam a se sentir mais confortáveis para retornar a sua rotina, o que se associa diretamente com alterações na percepção do evento com o passar do tempo. Os fatores de risco, de acordo com Pessoa e Coimbra (2020), impactam as pessoas em dimensões temporais distantes. No caso de adolescentes que tiveram imagens íntimas divulgadas, é fundamental que recebam apoio e suporte social contínuo logo após o evento estressor, pois, desse modo, elas podem, paulatinamente, ressignificar suas trajetórias e a própria violência que estiveram expostas.

É válido citar, entretanto, que para uma das vítimas a experiência não foi a mesma. Mesmo após se isolar e deixar o tempo passar para as pessoas “esquecerem” das suas fotos, ao retornar para a sua rotina ela foi revitimizada. Nesta situação, algumas pessoas voltaram a divulgar suas fotos de forma desconsentida, dando continuidade à violência. Isso reitera a hipótese de que programas de intervenção abrangentes devem ser implementados, pois as pessoas devem se conscientizar que ao propagar imagens deste teor elas também cometem violência e podem, inclusive, serem responsabilizadas pelo crime de pornografia infantil (no caso do compartilhamento de imagens envolvendo crianças e adolescentes).

Este estudo revelou que o papel das famílias foi paradoxal. Se por um lado algumas adolescentes se sentiram desamparadas (e até mesmo julgadas)

por seus familiares quando as imagens foram divulgadas, por outro foram encontrados diversos relatos de que as famílias foram centrais no enfrentamento da violência e de seus efeitos nocivos, especialmente quando conseguem sustentar apoio emocional. Para uma das adolescentes, por exemplo, o apoio recebido de sua mãe foi crucial para que ela pudesse ver a situação por outro ângulo e voltasse a sair de casa, rompendo com o isolamento social. Estudos mostram que o suporte social de familiares é fundamental para que crianças e adolescentes desenvolvam estratégias internas e sociais para lidarem com situações de violência (HÉBERT; LAVOIE; BLAIS, 2014; RAFFAELLI; KOLLER; CERQUEIRA-SANTOS, 2012; HABIGZANG, 2011). Isso significa que, em alguns casos, as intervenções devem também ser direcionadas para os familiares das adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas, para que sejam capazes de abordar o tema de forma saudável e estabelecer estratégias de amplo suporte às vítimas.

As redes sociais também se mostraram ambivalentes. Apesar de terem sido o meio de divulgação mais frequente e também por terem sofrido pelo *cyberbullying*, as redes sociais possibilitaram a manutenção do convívio social das vítimas e o recebimento de apoio. Uma das adolescentes relatou, enfaticamente, que por meio das redes sociais ela pôde dar vazão aos seus sentimentos, além de encontrar amigos que a forneceram apoio, diminuindo os sentimentos de solidão e segregação. Em contrapartida, outras jovens alegam ter preferido se retirar das redes sociais, como forma de minimizar a importunação provocada pela divulgação desconsentida de imagens íntimas.

Tais achados robustecem os argumentos de que programas de acolhimento virtual devam ser encorajados.

4.4 Resiliência e Protagonismo

Como já citado neste relatório, os relatos analisados foram encontrados em uma plataforma de vídeos online, postados de forma espontânea e deliberada pelas próprias jovens. Devido a essa modalidade, questionou-se a motivação para que as mesmas contassem suas histórias de forma pública, considerando o quão sensível e privado o assunto da divulgação desconsentida de imagens íntimas poderia ser.

Assim, quase todas as adolescentes narraram a mesma motivação: compartilhar suas vivências como uma forma de prevenir que isto ocorra com outra pessoa ou como um meio de ajudar outras adolescentes que estão passando por situações similares. Ademais, é possível encontrar declarações que expressam a ressignificação de suas experiências por meio de um processo de empoderamento e posição de protagonismo juvenil, associado como a manifestação de processos de resiliência. Mesmo diante a violência sofrida, as adolescentes assumiram uma posição altruísta e tiveram coragem de abordar amplamente o assunto, ainda que esta exposição pudesse, em alguma medida, representar a retomada dolorosa dos fatos. A Tabela 5 sumariza alguns dos excertos identificados nos relatos das adolescentes.

Tabela 5

Resiliência e Protagonismo

Resiliência e protagonismo – as motivações para o relato de vivências nas redes sociais
<p><u>V1:</u> “[...] Mas eu sei que pode ter muitas pessoas também que já passaram pelo menos que eu e que vão me entender. [...] E eu realmente só tô gravando esse vídeo porque eu sei que hoje em dia tem pessoas que passam por isso e eu quero entregar essa mensagem pra quem passa por isso não passar mais. Porque eu acho que se eu tivesse visto um vídeo assim desses no YouTube eu tenho certeza que eu não teria feito o que eu fiz [...] Eu espero que não passem, que vocês não passem por isso. Mas se um dia vocês passarem, tá aqui meu recado pra vocês não ficarem enviando fotos suas, de vocês nuas pra ninguém. Porque isso depois causa consequências. Então eu vim contar meu depoimento, né? [...] Tá aqui meu depoimento pra vocês, pra vocês não se sentirem pressionadas por ninguém, porque depois isso vai te causar consequências gravíssimas.”</p>
<p><u>V2:</u> “Eu fiz esse vídeo tipo, uma autoajuda, gente. Só pra explicar também, porque muita gente que quer me botar pra baixo por causa dessa história, desse acontecido. E eu quero mostrar pra vocês que eu sou muito melhor do que isso e que eu não ligo. Não ligo para o que vocês pensam sobre mim ou pra aquela foto que já faz tanto tempo que... Que nem faz diferença mais, entendeu?”</p>
<p><u>V3:</u> “Eu vou contar uma coisa que aconteceu comigo e que eu acho que... Pode ser que esse vídeo ajude muitas meninas que estão passando por isso, sabe? E que vão passar e que estão procurando ajuda e tudo mais [...] E é isso que eu queria fazer hoje nesse vídeo. Contar essa história e ajudar as pessoas que estão passando por isso.”</p>
<p><u>V5a:</u> “Eu não tenho vergonha de falar disso, porque faz parte da minha história e também é um marco importante pra gente ver meio que a evolução.”</p>

O relato espontâneo em um site de domínio público das experiências adversas vividas pelas adolescentes teve a pretensão de alertar outras garotas sobre como conteúdos com conotação sexual autoproduzidos podem ser divulgados e compartilhados inadequadamente. A postura altruísta, ou seja, de se colocar no lugar do outro e evitar que situações desagradáveis ocorram com outras pessoas, já foi discutida por Pessoa et al. (2017) e Ungar (2008) como uma manifestação de processos de resiliência. Para os autores supracitados, as experiências de injustiças sociais e de violência impulsionam alguns

adolescentes a se engajarem em temas políticos e concernentes aos problemas comunitários que se deparam.

Além disso, autores da psicologia positiva (tais como Seligman, 2011 e Soosai-Nathan, Negri e Fave, 2013) já destacaram em suas publicações que sentimentos positivos, como empatia, altruísmo e solidariedade, podem produzir um efeito catalisador em pessoas que foram vítimas de violência. Em outras palavras, a capacidade de ressignificar as experiências adversas sofridas (sobretudo enxergar-se como uma vítima de violência) e posicionar-se política e eticamente diante destes fatos (para que não ocorram novamente com outras pessoas), pode indicar um processo de fortalecimento subjetivo e uma forma de demonstrar empoderamento das vítimas. No caso do presente estudo, todas as adolescentes enfaticamente verbalizaram que os vídeos foram produzidos e editados para que pudessem se manifestar livremente e para que suas experiências, apesar de desagradáveis, pudessem servir de exemplo para que outras adolescentes não passassem pelas mesmas situações.

Para Libório e Ungar “adolescentes se tornam protagonistas de seus processos desenvolvimentais quando passam a agir [no contexto social, escolar e comunitário] protagonicamente” (p. 684, tradução nossa). Para os autores, os processos de resiliência estariam associados, em alguns casos particulares, com o engajamento e participação social, que propiciaria melhorias em seus contextos, mas também reverberaria na capacidade de reivindicação de direitos que foram tolhidos. O caso das adolescentes que tiveram suas imagens íntimas divulgadas exemplifica bem o protagonismo das vítimas. Apesar de se tratarem de experiências dolorosas, as adolescentes tiveram ousadia e coragem para abordar o tema. Mais do que isso, elas fizeram

recomendações importantes para outras adolescentes e criaram espaços para que as falas das vítimas pudessem ser legitimadas. Desse modo, sem dúvida alguma, a decisão destas adolescentes em produzir e publicar os vídeos demonstram a manifestação de processos de resiliência e revelam a potencialidade das ações de protagonismo juvenil diante de casos que envolvam violência contra esta população.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas sexuais e a sexualidade configuram-se como uma dimensão da vida humana e são influenciadas por fatores biológicos, sociais e psicológicos, que se iniciam, comumente, na adolescência. Entretanto, estes temas são tratados de forma marginalizada pela sociedade, pois são tidos socialmente como um tabu. Dentre as consequências da falta de diálogos sobre a sexualidade tem-se, portanto, uma condição de vulnerabilidade para os adolescentes, devido ao obscurantismo que permeia o tema e a falta de espaços que lhes assegurem abordar temas circunscritos à sexualidade.

Considerando a imersão tecnológica em que grande parte dos adolescentes se encontram atualmente, parte dos relacionamentos e práticas sexuais também passaram a ser mediadas por aparelhos como celulares, computadores e pela internet. Nessa conjuntura, emerge a prática do *sexting*, que consiste na postagem, envio ou compartilhamento de mensagens de teor sexual como imagens ou vídeos de si mesmo ou de terceiros em contextos de nudez e/ou ato sexual. Ainda que o *sexting* caracterize-se como uma forma de expressão e exploração genuína, benéfica e saudável da sexualidade, a prática não é isenta de riscos. Dentre os perigos para àqueles que o praticam, a divulgação desautorizada de imagens íntimas mostra-se a mais preocupante,

pois viola severamente a privacidade e intimidade dos indivíduos retratados nas imagens, repercutindo, sobremaneira, na saúde mental das vítimas.

Diante de uma sociedade baseada no patriarcado e no machismo, as mulheres são as maiores vítimas da divulgação desconsentida, sendo também a maior população vítima da produção de imagens íntimas sob coerção ou chantagem. Além disso, mulheres sofrem mais punições e represálias devido ao vazamento, bem como são responsabilizadas pelos crimes que foram vitimadas.

A partir das constatações supracitadas e dos debates que já foram estabelecidos principalmente pela comunidade científica internacional, o presente estudo analisou os impactos sociais e psicológicos do vazamento de imagens íntimas na vida de adolescentes do gênero feminino, bem como avaliou os fatores de risco e proteção que as vítimas dispuseram. Complementarmente, os dados permitiram a sistematização de informações que se associam a processos de resiliência e protagonismo juvenil, associados ao compartilhamento voluntário das histórias das adolescentes em redes sociais como o YouTube.

Para tanto, foram realizadas a análise de 8 vídeos publicados deliberadamente por adolescentes acerca de suas experiências no que diz respeito à divulgação desconsentida de imagens íntimas. Os dados encontrados apontam para a complexidade da questão tratada. No que diz respeito ao perfil do agressor, os dados demonstram maior incidência de homens que haviam tido algum tipo de relacionamento com a vítima e que asseguravam que as fotos não seriam divulgadas, mas o faziam após o término do relacionamento. Ademais, de acordo com os relatos analisados, a

motivação para a produção de imagens deu-se por razões variadas, que vão desde fortalecimento de relacionamentos, de exploração da sexualidade, aumento da autoestima e até pressão de pares.

No que concerne a ausência de apoio e impactos psicossociais às vítimas, as adolescentes relataram agressões e insultos no mundo virtual e fora dele, gerando também sentimento de desamparo e falta de suporte de pessoas e instituições, como família, a escola e o sistema de justiça. Também ficou constatado na investigação o aparecimento de sintomas e relatos de sofrimento psíquico intenso após a exposição indevida, sobretudo quadros alusivos à ansiedade e depressão.

Os fatores de proteção, por outro lado, apontaram para a relevância da existência de uma rede de apoio social e afetivo, que promova cuidado e suporte às vítimas (como amigos, namorados e também familiares). Além disso, a percepção subjetiva acerca da exposição, associada a processos de resiliência, mostrou-se potente fator protetivo ao permitir a ressignificação dos eventos, enfrentamento às perseguições e empoderamento diante da violência sofrida. Neste sentido, as redes sociais demonstraram ser ambivalentes : para algumas das adolescentes, a saída das redes sociais (cancelamento temporário das contas), possibilitou a diminuição do sofrimento à proporção que também se diminuiu a exposição ao *cyberbullying*. Para outras, as redes sociais constituíram um local de livre expressão e de socialização relevante para a atenuação do sofrimento vivido.

Por fim, os dados apontam importantes achados no que se refere ao protagonismo e à resiliência. De acordo com os relatos encontrados, a principal motivação para a produção e publicação de vídeos que narram a experiência de divulgação desautorizada de imagens íntimas consiste na intenção de

alertar outras garotas sobre como conteúdos de teor sexual podem ser compartilhados sem o consentimento, assim como as consequências dessa violência. Esta postura altruísta das adolescentes demonstra não só a presença de processos de resiliência e ressignificação da violência sofrida, mas também a relevância do protagonismo juvenil mediante essa situação. Ao falarem abertamente sobre o que sofreram, as adolescentes demonstraram estar fortalecidas e, de certo modo, passaram a militar para que outras pessoas não fossem vítimas do mesmo crime.

Mediante à qualidade e complexidade dos dados encontrados, sugere-se a realização de estudos complementares em relação ao sexting e à divulgação de imagens desconsentidas na adolescência. Recomenda-se, por exemplo, que estudos futuros ampliem o número e a variedade dos participantes, levando em conta fatores socioeconômicos e idade, por exemplo. Além disso, a utilização de outros instrumentos para a coleta de dados pode revelar informações que não foram captadas por meio do procedimento analítico empregado na presente investigação. Indica-se, ainda, estudos e intervenções clínicas com a população aqui analisada, devido à presença de dados referentes aos impactos na saúde mental, além de estudos e intervenções psicopedagógicas que preparem e instruam escolas e famílias para lidarem com a divulgação desconsentida de imagens íntimas.

Devido à dificuldade em acessar à população-alvo, optou-se pela análise de vídeos disponíveis em uma plataforma virtual. Entende-se que este talvez seja o maior mérito da pesquisa, pois permitiu que uma nova estratégia investigativa fosse empregada. O fato das adolescentes escolherem sobre o que querem abordar se associa ao protagonismo juvenil e indica um recurso de pesquisa promissor. Futuras pesquisas acerca das limitações e potencialidades

da metodologia aqui adotada são extremamente incentivadas, pois podem melhor elucidar métodos de obtenção e análise de dados no meio virtual.

Certamente, esta pesquisa e os resultados decorrentes de todo o processo científico, tanto em relação ao fenômeno da divulgação desconsentida e imagens íntimas quanto pela metodologia inovadora, poderão constituir novos projetos de pesquisa para a bolsista ou para o grupo de pesquisa a qual ela faz parte.

É importante salientar que a bolsista e seu orientador têm a intenção de publicar, em formato de artigo científico, este estudo. A socialização do conhecimento é importante e o compartilhamento dos achados nesta investigação podem robustecer o campo de pesquisa acerca do assunto aqui tratado. Para exemplificar os esforços da bolsista na socialização dos dados de sua pesquisa, foi apresentado, durante o VIII Simpósio Internacional Sobre a Juventude Brasileira – VIII JUBRA, o pôster intitulado “Desafios Éticos e Metodológicos na Pesquisa sobre *Sexting* e Divulgação Desconsentida de Imagens Íntimas na Adolescência”. Assim sendo, entende-se que esta pesquisa de Iniciação Científica é apenas o começo de um campo de investigação que certamente será explorado mais acuradamente pela bolsista e seu orientador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. S. **Pornografia por vingança: a intimidade da mulher exposta na internet**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) - Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Brasília, 2015.

BANCHS, M. A. Representaciones sociales en proceso: su análisis através de grupos focales. João Pessoa: [s.n.], p. 401-423, 2005.

BAPTISTA, M. N.; CARDOSO, H. F. (2010). Escala de Percepção de Suporte Social (versão adulta) – EPSUS-A: estudo das qualidades psicométricas **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 19, n. 3, p. 499-510, 2014.

BARCELOS, R. H. **Nova mídia, socialização e adolescência: um estudo exploratório sobre o consumo das novas tecnologias de comunicação pelos jovens**. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores – adolescência como uma construção social. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, jan./jun. 2007.

BODEN, J. M. **What schools can do: an exploration of personal and school factors in youth sexting behaviors and related attitudes**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Temple University. Ann Arbor, 2017.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n.º 9.263, de 12 de janeiro de 1996. Regula o § 7º do art. 226 da Constituição Federal, que trata do planejamento familiar, estabelece penalidades e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 jan. 1996. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9263-12-janeiro-1996-374936-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 06 set. 2019.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 8.069 de 13 de Julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em: 06 set. 2019.

DE SOUZA RIBEIRO, J. H.; COIMBRA, S. M.G.; LEME, V. B. R. Violência sexual contra crianças e adolescentes: resiliência e protagonismo na Amazônia. **Revista INFAD de Psicologia**, v. 1, n. 2, p. 215-226, 2019.

DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. Atlas, São Paulo, 2. ed., 2006.

FIGUEIREDO, C. D. S.; MELO, S. M. M. Sexting: modismo inconsequente ou cyberbullying intencional? Algumas reflexões necessárias. Florianópolis: [s.n.], 2014.

GÓES, G. S. **Divulgação de imagens íntimas na internet: revenge porn como forma de violência de gênero contra as mulheres, a partir da abordagem da lei Maria da Penha (LEI 11.340/06)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito), Universidade do Extremo Sul Catarinense. Santa Catarina, 2017.

GONÇALVES, V. C.; ALMEIDA, M. N. **A exposição pública não consentida da intimidade sexual: entre a tipificação e a culpabilização da vítima**. Revista de Criminologias e Políticas Criminais. Porto Alegre, RS: CONPEDI, 2018. v. 4, n. 2, p. 119-137, 2018.

GRUPO DE ESTUDOS EM CRIMINOLOGIAS CONTEMPORÂNEAS. **Projeto Vazou: pesquisa sobre o vazamento não consentido de imagens íntimas**

no **Brasil**. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://www.crimlab.com/projeto-vazou>. Acesso em: 15 fevereiro 2020.

HABIGZANG, L. F.; RAMOS, M. S.; KOLLER, S. H. A revelação de abuso sexual: as medidas adotadas pela rede de apoio. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 467-473, 2011.

HASINOFF, A. A. Sexting and Privacy Violations: A Case Study of Sympathy and Blame. **International Journal of Cyber Criminology**, India, v. 11, p. 202-217, 2017.

HASKETT M. E et al. Diversity in adjustment of maltreated children: Factors associated with resilient functioning. **Clinical Psychology Review**; v. 26, n, 6, p. 796-812, 2006.

HÉBERT, M.; LAVOIE, F.; BLAIS, M. Post-Traumatic Stress Disorder/PTSD in adolescent victims of sexual abuse: resilience and social support as protection factors. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 685–694, 2014.

HELLER, A. Indivíduo e comunidade: uma contraposição real ou aparente? **O cotidiano e a história**. São Paulo, v. 6, p 65-85, 2000.

HENDERSON, L.; MORGAN, E. Sexting and sexual relationships among teens and young adults. **McNair Scholars Research Journal**, v. 7, n. 1, p. 31-39, 2011.

KAUR, P. Sexting or pedophilia? **Revista Criminalidad**, Bogotá, v. 56, n. 2, p. 263-272, 2014.

KLETTKE, B. et al. Sexting prevalence and correlates: A systematic literature review. **Clinical Psychology Review**, United Kingdom, v. 34, p. 44-53, 2014.

LIBÓRIO, R. M. C.; UNGAR, M. Resilience as protagonism: interpersonal relationships, cultural practices, and personal agency among working adolescents in Brazil. **Journal of Youth Studies**, v. 1, p. 1-15, 2013.

LIMA, B. **Corpo para contar histórias e a produção (de imagens) de si: exposição em questão da (semi) nudez online**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.

MANOEL, D. F. **A divulgação de conteúdos íntimos e os impactos nos processos de educação escolar: um estudo de caso na perspectiva histórico-cultural**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste Paulista. Presidente Prudente, 2018.

MAROLA, C. A. G.; SANCHES, C. S. M.; CARDOSO, L. M. Formation of concept in adolescence sexuality and their influence. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 33, p. 95-118, 2011.

MARTINS, C. B. G. et al. Sexuality in adolescence: myths and taboos. **Ciencia y Enfermeria**, Concepción, v. 18, n. 3, p. 25-37, 2012.

MARTINS, R. C. Abuso Sexual e Resiliência: Enfrentando as Adversidades. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 727–750. 2011.

MCEACHERN, A. G. Sexting: new challenges for schools and professional school counselors. **Journal of School Counseling**, Bozeman, v. 10, n. 20, p. 1-28, 2012.

MORELLI, M. et al. Not-allowed sharing of sexts and dating violence from the perpetrator's perspective: The moderation role of sexism. **Computers in human behavior**, United Kingdom, v. 56, p. 163-169, 2016.

MORENO, M. A. Cyberbullying. **American Academy of Pediatrics**. Illinois, v. 168, n. 5, p. 500-500, 2014.

MOURA, R. O.; MAKSOUD, N. O.; MARQUES, H. R. A revelação do abuso sexual intrafamiliar infantil: proteção da vítima e responsabilização do agressor. **Lex Cult**, v. 4, n. 3, p. 14-35, 2020.

NOBREGA, D. O.; ANDRADE, E. R. G.; MELO, E. S. N. Research with focal group: contributions to the study on social representation. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 433-441, 2016.

OLIVEIRA, R. N. G; et al. Preventing violence by intimate partners in adolescence: an integrative review. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 134-143, 2016.

OYUTSEL, J. V. et al. The Association Between Adolescent Sexting, Psychosocial Difficulties, and Risk Behavior: Integrative Review. **The Journal of School Nursing**. Thousand Oaks, v. 31, p. 54-69, 2015.

PASQUALINI, J. C.; MARTINS, L. M. Dialética Singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 362-371, 2015.

PESSOA, A. S. G. et al. Resilience processes within the school context of adolescents with sexual violence history. **Educar em Revista.**, Belo Horizonte, v. 33, 2017.

PESSOA, A. S. G. et al. Using Reflexive Interviewing to Foster Deep Understanding of Research Participants' Perspectives. **International Journal of Qualitative Methods**, Alberta, v. 18, p. 1-9, 2019.

QUIRINO, R. C. et al. Violence, Suffering and Subversion: Notes from a Qualitative Study about Schooling Trajectories of Brazilian Young Homosexuals. **Journal of Homosexuality**, 2021. No prelo.

RAFFAELLI, M.; KOLLER, S. H.; CERQUEIRA-SANTOS, E. Protective factors moderate between risk exposure and problem behaviour among low income Brazilian adolescents. **Psychology and Antisocial Behaviour in Schools**, v. 9, p. 74-92, 2012.

SANTOS, F. M. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 6, n. 1, p. 383-387, 2012.

SANTOS, S. G., A entrevista em avaliação psicológica. **Revista Especialize OnLine IPOG**, Goiânia, v. 1, p.1-15, 2014.

SELIGMAN, M. E. P. Florescer: Uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar. **Objetiva**, Rio de Janeiro, 2011.

SOOSAI-NATHAN, L. NEGRI, L. FAVE, A. D. Beyond pro-social behaviour: An exploration of altruism in two cultures. **Psychological Studies**, v. 58, n. 2, p. 103-114, 2013.

SOSA-RUBI, S. G. et al. True Love: Effectiveness of a School-Based Program to Reduce Dating Violence Among Adolescents in Mexico City. **Prevention Science**, v. 18, p. 804-817, 2017.

SOUSA, L. M. **Slut shaming e porn revenge: vivências de mulheres jovens e as repercussões para a saúde mental**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017.

STAKE, R. E. **Investigación con estudio de casos**. Madrid, 1999.

SEGOOL N. K.; CRESPI T. D. Sexting in the schoolyard. **Communiqué**, Bathesta, v. 39, n. 8, p. 1. 30-31, 2011.

UNGAR, M. Resilience across cultures. **British Journal of Social Work**. v. 38, 2. ed., p. 218-235, 2008.

VALENTE, M. G. et al. O Corpo é o Código: estratégias jurídicas de enfrentamento ao revenge porn no Brasil. **InternetLab**, São Paulo, 2016.

VALENTIM, N. M. **“Manda nudes?”: Imagens íntimas e as representações de gênero na mídia brasileira**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mediações Culturais), Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2016.

YIN, R. K. Estudo de caso – planejamento e métodos. **Bookman**, Porto Alegre: 2. ed, 2001.

YOUNT, K. M.; KRAUSE, K. M.; MIEDEMA, S. S. Preventing gender-based violence victimization in adolescent girls in lower-income countries: Systematic review of reviews. **Social Science & Medicine**, v. 192, p. 1-13, 2017.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Entrevista Reflexiva & Grounded-Theory: Estratégias Metodológicas para Compreensão da Resiliência em Famílias. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, Chicago, v. 39, n. 3, p. 431-438, 2005.